



Semana 01/05 a 07/04

SÉRIE DISCIPLINAS ESPIRITUAIS: JEJUM: O REGOZIJO DA ALMA

Tu, porém, quando jejuares, põe óleo na cabeça e lava o rosto, para não mostrar aos homens que estás jejuando, mas a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê o que é secreto, te recompensará

• Mateus 6.17-18 •



Para muitos cristãos, o mais próximo que costumam chegar do jejum é quando fazem exames de sangue, uma privação compulsória. Nesse sentido, ele se difere do jejum bíblico, uma privação voluntária. Quando Jesus proferiu as palavras acima, partia do princípio de que o jejum era uma prática muito comum, mas que precisava ser esvaziada de sua religiosidade aparente para ser cheia de uma espiritualidade frutífera.

PRÁTICA RELIGIOSA X PRÁTICA ESPIRITUAL

Embora traga muitos exemplos de servos que jejuaram (I Reis 19.8; Daniel 10.2-3; Lucas 2.37), a Bíblia não defende tal prática numa perspectiva funcional, mas relacional. O próprio Deus, quando instrui seu povo acerca do jejum, desqualifica-o como um ritual (Isaías 58.6-7; Zacarias 7.5-6). A diferença entre uma prática religiosa e uma espiritual é que a primeira nos confere identidade e a segunda nos devolve a semelhança com Cristo. Jesus alertou os discípulos a não tomarem o jejum como algo que os identificaria como judeus, mas como aquilo que os conectaria com o Pai. E tudo que nos conecta com o Pai nos ajuda a ficarmos mais parecidos com Ele e, conseqüentemente, com nosso irmão mais velho, Jesus.

O ENSINO DE JESUS SOBRE JEJUM

Em Mateus 6, assim como em todo o Sermão da Montanha, Jesus está fazendo uma releitura da Lei, ensinando o povo a despir-se das práticas religiosas e revestir-se de práticas espirituais. Aquelas pessoas, assim como nós, tinham exemplos de servos de Deus que viam no jejum um modo de benefício próprio, como Davi (II Samuel 12.16). Ainda hoje, cristãos usam o jejum em situações extremas: desemprego, vestibular, enfermidade, casamento. Mas isso de nada valerá se o jejum não for um ato de nos ligar a Deus, produzir semelhança dele em nós e, assim, nos capacitar a sermos agentes na transformação que buscamos. No texto que estamos observando, Jesus nos dá um princípio básico para o jejum: a recompensa do jejum é ser recompensado pelo Pai, e não por qualquer outra coisa ou pessoa. Ou seja, Deus é a própria recompensa.

A PRÁTICA DO JEJUM

A Bíblia nos fala de diferentes tipos de jejuns: de comida (Lucas 4.2); de comida e bebida (Êxodo 34.28); de alimentos específicos (Daniel 1.12). Fala, ainda, de jejuns individuais (Atos 9.9) e coletivos (Atos 13.1-3); curtos (Ester 4.16) ou longos (I Reis 19.8). Em todas as Escrituras, porém, só há exemplos de jejum de alimentos. Mas, se expandirmos nossa compreensão de prática religiosa para prática espiritual, talvez consigamos ver outras privações voluntárias como possíveis jejuns ao Senhor. Um bom princípio para começar essa prática é a ideia de "dominar o que nos domina". Do que alimentamos nosso corpo, nossa mente, nosso coração? Futebol? Notícias? Beleza física? Dinheiro? Trabalho? Estudo? Entretenimento? Competições? De que privações, voluntariamente, podemos nos valer para começar a jejuar?

REGOZIJO INTERIOR

Agostinha associa o jejum ao que ele chama de "regozijos interiores". Ele se baseia no fato de que Jesus mandou os discípulos, ao jejuar, ungirem a cabeça com óleo – o que, segundo Agostinho, é uma referência à alegria vinda de Deus. Ao abriremos mão de algo que nos sacia, exercitamos a satisfação que vem do nosso Pai e começamos a descobrir o segredo de estarmos contentes e alegres em toda e qualquer situação (Filipenses 4.12).